



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CAMPUS III – GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA – METODOLOGIAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA  
(ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO)**

**FRANCISCO JOSÉ SILVA VASCONCELOS**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA URBANA NO NOVO ENSINO MÉDIO: análise do livro  
didático de ciências humanas da 2ª série**

**GUARABIRA/PB**

**2023**

**FRANCISCO JOSÉ SILVA VASCONCELOS**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA URBANA NO NOVO ENSINO MÉDIO: análise do livro  
didático de ciências humanas da 2ª série**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França.

Linha de pesquisa: Metodologias do Ensino de Geografia (Ensino Fundamental e Médio)

**GUARABIRA/PB**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V329e Vasconcelos, Francisco José Silva.

O ensino de geografia urbana no novo ensino médio [manuscrito] : análise do livro didático de ciências humanas da 2ª série / Francisco José Silva Vasconcelos. - 2023.  
35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França, Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Geografia urbana. 2. Livro didático. 3. Metodologia de Ensino. 4. Novo ensino médio. I. Título

21. ed. CDD 910

**FRANCISCO JOSÉ SILVA VASCONCELOS**

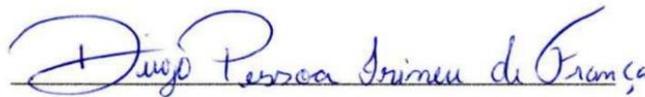
**O ENSINO DE GEOGRAFIA URBANA NO NOVO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DO  
LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS HUMANAS DA 2ª SÉRIE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

**Linha de pesquisa:** Metodologias do Ensino de Geografia (Ensino Fundamental e Médio)

Aprovada em: 13/06/2023

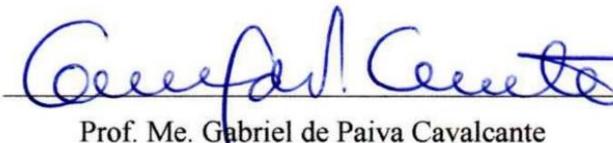
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Gabriel de Paiva Cavalcante  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedico a minha mãe que sempre me sustentou, fazendo de tudo por mim. Dedico também as minhas tias, Neuma e Aparecida, ambas formadas em Geografia que sempre me apoiaram e me deram o suporte necessário.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu sabedoria para seguir no caminho do conhecimento, também por ter me proporcionado discernimento para a conclusão deste trabalho, à Nossa Senhora da Conceição, que sempre está comigo em todos os momentos.

À minha mãe, Maria de Fátima Silva, pelo incentivo desde o Ensino Básico até a Graduação me mostrando sempre, que a educação é necessária para o indivíduo e sua formação. Às minhas tias, Aparecida Palmeira e Maria Neuma, por sempre ter me apoiado colaborando com meus estudos desde criança com todo acolhimento, carinho, conselhos e ajuda necessária. Vocês sempre foram a minha inspiração e sou a pessoa que me tornei por vocês terem confiado no meu potencial e acreditado em mim.

À minha namorada e futura esposa, Kayllane Santos, por todo seu companheirismo e apoio nessa reta final do curso. Estendo meus agradecimentos também aos meus sogros, Fátima e Aparecido, que para mim são como se fossem meus segundos pais. Aos demais professores e professoras que fizeram parte desta trajetória acadêmica, contribuindo com todos os ensinamentos ao longo dos componentes ministrados que foram de grande valia para meu aprendizado e crescimento enquanto futuro professor.

Ao meu orientador, prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França, que aceitou prontamente me orientar nesse trabalho, fica aqui o meu agradecimento por ter contribuído para minha formação e conclusão desta pesquisa enquanto discente e posso afirmar, com toda certeza, que aprendi bastante com o senhor.

Aos companheiros e companheiras de graduação, fica aqui o meu agradecimento a vocês pelos momentos que compartilhamos juntos, os altos e baixos, os sorrisos, as lágrimas, os momentos de ajuda e alegria em minha trajetória acadêmica. Meus sinceros agradecimentos a todos e todas.

*“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso!  
Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus,  
estará com você por onde você andar.”.*

***Josué 1:9***

### **043. CURSO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**NOME:** Francisco José Silva Vasconcelos

**TÍTULO:** O ensino de geografia urbana no Novo Ensino Médio: análise do livro didático de ciências humanas da 2ª série

**LINHA DE PESQUISA:** Metodologias do Ensino de Geografia (Ensino Fundamental e Médio)

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

Prof. Me. Gabriel de Paiva Cavalcante

### **RESUMO**

As transformações educacionais provocadas pelas mudanças curriculares têm trazido desafios a compreensão dos processos geográficos no livro didático. Nesse contexto, o objetivo desse trabalho consiste em analisar o livro didático a partir dos conteúdos de Geografia Urbana. A coleção utilizada foi da editora Moderna Plus, referente à segunda série, fazendo parte da formação do Novo Ensino Médio NEM e das mudanças que ocorreram no currículo. Recorremos a um conjunto de procedimentos teórico-metodológicos: o levantamento bibliográfico (revistas científicas, livros acadêmicos etc.), a pesquisa documental (documentos oficiais, currículo, legislação) e a técnica análise de conteúdo como forma de organizar e melhor compreender o conjunto dos dados. A partir do conjunto de dados secundários e dos referenciais teóricos tais como: Callai (2000), Cavalcanti (2013), Libâneo (1994), entre outros e outras, foi possível realizar um conjunto de reflexões em torno do papel da escola na formação do/a cidadão/ã, das mudanças que ocorreram na Geografia enquanto ciência, bem como verificar a importância do livro didático como instrumento metodológico. Segundo a lei 13.415/2017 do NEM, chegamos à conclusão de que esse recurso possui muitas lacunas, pois há uma simplificação e uma redução nos conteúdos programáticos, tornando, dessa forma, o livro bastante resumido para tratar da problemática urbana contemporânea em sua complexidade.

**Palavras-chave:** Geografia Urbana - Livro didático - Metodologia de Ensino - Novo Ensino Médio

### **043. CURSO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**NOME:** Francisco José Silva Vasconcelos

**TÍTULO:** O ensino de geografia urbana no Novo Ensino Médio: análise do livro didático de ciências humanas da 2ª série

**LINHA DE PESQUISA:** Metodologias do Ensino de Geografia (Ensino Fundamental e Médio)

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Diego Pessoa Irineu de França

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

Prof. Me. Gabriel de Paiva Cavalcante

### **SUMMARY**

The educational transformations caused by curricular changes have brought challenges to the understanding of geographic processes in the textbook. In this context, the objective of this work is to analyze the textbook from the contents of Urban Geography. The collection used was from the publisher Moderna Plus, referring to the second grade, as part of the formation of the New High School NEM and the changes that occurred in the curriculum. We resorted to a set of theoretical-methodological procedures: bibliographical survey (scientific journals, academic books, etc.), documentary research (official documents, curriculum, legislation) and technical content analysis as a way of organizing and better understanding the set of data. From the set of secondary data and theoretical references such as: Callai (2000), Cavalcanti (2013), Libâneo (1994), among others, it was possible to carry out a set of reflections around the role of the school in the formation of the /a citizen/ã, of the changes that occurred in Geography as a science, as well as verifying the importance of the textbook as a methodological instrument. According to NEM law 13.415/2017, we came to the conclusion that this resource has many gaps, as there is a simplification and a reduction in the syllabus, thus making the book very summarized to deal with the contemporary urban problem in its complexity.

**Keywords:** Urban Geography - Textbook - Teaching Methodology - New High School

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1:</b> Organograma sobre a estrutura do Novo Ensino Médio.....                                     | 21 |
| <b>Figura 2:</b> Capa do livro didático de ciências humanas do Novo Ensino Médio.....                        | 25 |
| <b>Figura 3:</b> Contra capa do livro didático de ciências humanas do Novo Ensino Médio...                   | 26 |
| <b>Figura 4:</b> Início do conteúdo de Geografia Urbana presente no livro.....                               | 28 |
| <b>Figura 5:</b> Imagem sobre as principais aglomerações urbanas no Brasil.....                              | 29 |
| <b>Figura 6:</b> Imagem do texto presente no livro sobre Rede e Hierarquia Urbana.....                       | 30 |
| <b>Figura 7:</b> Imagem do texto presente no livro sobre os desafios das metrópoles e a expansão urbana..... | 31 |

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Tabela 1:</b> Habilidades da BNCC do Ensino Médio sobre a Geografia Urbana..... | 24 |
|--|----|

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**NEM:** NOVO ENSINO MÉDIO

**LDB:** LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

**BNCC:** BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>12</b> |
| <b>O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO.....</b>                              | <b>15</b> |
| <b>GEOGRAFIA TRADICIONAL X GEOGRAFIA CRÍTICA: breve diálogo a partir do ensino.....</b>   | <b>17</b> |
| <b>LIVRO DIDÁTICO: um instrumento metodológico para o ensino de geografia urbana.....</b> | <b>19</b> |
| <b>O NOVO ENSINO MÉDIO E O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA.....</b>                           | <b>20</b> |
| <b>A GEOGRAFIA URBANA NO LIVRO DIDÁTICO.....</b>  | <b>32</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>33</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>34</b> |

## INTRODUÇÃO

A escola possui diversos papéis na sociedade e um deles é discutir temas como cidade e o urbano, para que os alunos saibam se situar e acima de tudo compreenderem a dinâmica do espaço em que vivem. É de fundamental importância inserir e trabalhar essa temática no ensino básico onde, através da relação entre professores e alunos, ambos construirão, a partir de discussões, um olhar e um senso crítico a respeito do espaço urbano e como esse se configura.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional de 1996, a educação tem por finalidade garantir o desenvolvimento pleno do educando e seu preparo para o exercício da cidadania. A realidade dos dias de hoje exige um cidadão crítico e participativo dentro da sociedade, como agentes produtores do próprio espaço urbano, compreendendo que a cidade é um espaço produzido para que seus habitantes de diferentes grupos, possam praticar a vida em comum.

O processo de urbanização iniciou-se no século XVIII, a princípio, na Inglaterra, com a Revolução Industrial. Esse processo refere-se ao crescimento das cidades em virtude do aumento populacional e esse aumento da população mundial nas grandes cidades está associado ao êxodo rural, ou seja, ao fato da população deixar a zona rural e se dirigir aos centros urbanos em busca de melhorias de vida e busca por empregos.

No Brasil o processo de urbanização remete ao início do século XX, pois até 1950 a população brasileira era, em maior parte, rural. Atualmente, mais de 80% da população brasileira vive em áreas urbanas, o que equivale aos níveis de urbanização dos países desenvolvidos. A partir disso, começam a surgir os problemas urbanos que nós temos hoje, como por exemplo, a população mais carente ter que se refugiar em áreas de risco.

As pessoas que vão buscar abrigo em áreas de risco, em espaços que possuem um problema socioambiental, não o fazem por espontânea vontade, mas porque é o único lugar do espaço geográfico e urbano que sobra para eles morarem. O próprio sistema econômico, ou seja, o capitalismo, faz com que essas pessoas sejam excluídas do espaço urbano, dos grandes centros.

Os indivíduos inseridos nessa realidade, não conseguem enxergar os riscos que correm em residirem nessas áreas. Por isso se torna tão importante para os educandos, o conhecimento e problematização, acerca dos conteúdos de Geografia Urbana. Deve-se romper com o romantismo que existe, em pensar que os que residem em áreas periféricas e sem nenhuma qualidade de vida, estão ali por querer próprio.

Tendo em vista que a cidade é um espaço excludente, que não oferece condições de vida igualitárias para todos, espera-se que a escola responda a estas necessidades através da

formação do cidadão. Os professores, principalmente os de Geografia, pois é a ciência que estuda o espaço geográfico como um todo, devem instigar os alunos, levando-os a uma participação, direta ou indireta, na produção do espaço urbano.

Dessa maneira, o trabalho do professor de Geografia consiste em educar o aluno para a participação cidadã, fazendo com que ele entenda as diferenças culturais, políticas e econômicas que existem no espaço. Nessa relação de ensino, deve-se levar em consideração os conhecimentos prévios que os alunos trazem consigo. Nesse caso, o professor irá mediar entre o conhecimento empírico do aluno e a ciência geográfica, para que assim se construa um senso crítico sobre a realidade vivida e estabelecida no espaço.

De acordo com Cavalcanti:

os jovens são agentes do processo de produção e reprodução do espaço urbano, pois em seu cotidiano fazem parte dos fluxos, dos deslocamentos, da construção de territórios; criam demandas; compõem paisagens; imprimem identidades e dão movimentos aos lugares (CAVALCANTI, 2013, p. 79).

Assim, a relação matéria, professor e aluno deve ocorrer dentro das escolas, de tal forma que faça o aluno compreender a sua importância no processo de formação do espaço. Para Libâneo (1994, p. 52): “ensinar e aprender, pois, são duas facetas do mesmo processo, e que se realizam em torno das matérias de ensino, sob a orientação do professor”.

Sendo assim, compete aos discentes de Geografia, uma análise e reflexão de como os conteúdos que envolvem a problemática urbana e o ensino de cidade, estão sendo construídos com os alunos do ensino médio, visto que, no NEM, disciplinas das áreas de exatas e linguagens possuem um nivelamento e dessa forma os professores conseguem perceber o nível dos educandos.

Nas disciplinas das ciências humanas, os próprios professores têm esse dever de verificar e compreender o nível que os alunos possuem sobre os conteúdos e a capacidade de interpretação e discussão diante dos temas sugeridos para a série na qual eles encontram-se. Isso dificulta o trabalho e também a questão do tempo, no qual o docente precisará utilizar para fazer esse nivelamento por conta própria.

Podemos perceber que alguns conteúdos que são de interesses da ciência geográfica possuem relevância sobre outros, isso pelo fato de discutirem coisas relacionadas com o cotidiano e vivência dos discentes no dia a dia. O tema cidade e os conteúdos de Geografia Urbana são esses tipos de conhecimento que deveriam ganhar mais ênfase no âmbito escolar, visto que buscamos formar cidadãos críticos para atuarem com autonomia na sociedade.

Os conteúdos de Geografia Urbana deveriam ser construídos com os educandos e educandas, não como forma de decorar, para fazer uma avaliação, mas sim, de forma que

contextualize e problematize, gerando assim a discussão, onde os próprios alunos possam expressar o que compreendem sobre determinado conteúdo.

A Geografia tem como uma de suas tarefas, compreender a complexidade dos espaços urbanos, ou seja, das cidades. Esses assuntos possuem dinâmicas e complexidades muito vastas, visto que é um lugar conflituoso, de relações de poder e conquista de território. Segundo Cavalcanti (2011, p. 3): “noutra perspectiva, as cidades são também expressão da diversidade de grupos, de desejos, de anseios, de rotinas, de estilos. Elas são lugares da diferença, do contato, do conflito”.

No que se refere a construir com os alunos do ensino básico, um senso crítico a respeito do espaço urbano no qual eles estão inseridos, os docentes precisam de um suporte ou de um material didático, que os auxilie nesse trabalho, facilitando dessa forma o processo de ensino aprendizagem dos educandos. O livro didático é considerado um importante instrumento auxiliar na aprendizagem escolar.

O livro didático ganhou espaço nas instituições públicas, por ser o material de fácil acesso e mais utilizado pelos alunos e professores. Isso acontece porque na maioria das vezes, faltam recursos nas escolas e o único disponibilizado são os livros. Faltam investimentos para a educação básica, para fornecer aos professores outros tipos de instrumentos, para construir os conteúdos, como instrumentos de multimídia, por exemplo.

De acordo com Silva (1996) o livro didático “molda” o trabalho do professor, levando-o a um enquadramento, a se tornar dependente de suas propostas. Esse é um risco no qual os professores estão expostos, porque a própria rotina, faz com que o profissional busque o caminho mais confortável e pronto para colocar em prática, facilitando assim o seu trabalho e otimizando o seu tempo.

Esse material não pode interferir na autonomia do professor na condução do processo de ensino aprendizagem. Deve apenas ser um suporte no que se refere a sistematização dos conteúdos programáticos de cada série estabelecida. Sendo assim, o professor não pode ser apenas um repassador do que já vem pronto no livro didático, mas precisa fazer a ponte, juntamente aos educandos e ir construindo os conteúdos nessa relação discente-docente.

O programa nacional do livro didático (PNLD) constitui importante meio de subsidiar materiais didáticos a uma significativa parcela de instituições de educação básica do país (COPATI, 2017). Recentemente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional passou por mudanças no que se refere ao novo ensino médio. A Lei nº 13.415/2017 estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, tanto na carga horária, como também na estruturação dos livros didáticos.

Os livros didáticos, no modelo do novo ensino médio, não são mais divididos por disciplinas separadamente. O que temos agora, são livros concentrados por áreas do conhecimento, por exemplo, livro das ciências humanas, que abrange conteúdos de Geografia, História, Filosofia e Sociologia. E os professores desses componentes que são responsáveis de retirar do livro aquilo que cabe a sua disciplina de modo particular.

Com essa reformulação no material do novo ensino médio, podemos considerar uma redução bastante significativa no que diz respeito aos próprios conteúdos que devem ser abordados com os alunos. Nesse trabalho, busco analisar um exemplar desse material em específico e observar como os conteúdos de Geografia urbana são encontrados nesse material, visto que é um exemplar da 2ª série do ensino médio.

Para tanto, buscou-se responder os seguintes questionamentos: como o ensino de Geografia contribui na formação cidadã do aluno? Como o ensino dessa temática está sendo abordado em sala de aula? Que procedimentos os professores podem estabelecer para fazerem com que esse ensino seja mais proveitoso na formação dos alunos?

## **O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO**

A escola possui um papel bastante importante na formação dos cidadãos, pois é por meio dela que conseguimos formar indivíduos que sabem se posicionar e lutar por seus direitos e deveres, que sabem discutir temas relevantes que fazem parte do cotidiano. Os docentes estão diariamente sentindo a necessidade de inovarem suas práticas, visto que, com o avanço das tecnologias, os educandos possuem maior acesso às informações, muitas delas sem nenhuma credibilidade, criadas para espalhar Fake News e acaba dificultando o processo de ensino-aprendizagem.

Observando nosso cenário atual da educação, podemos notar que ainda existem docentes que não acompanharam o processo de atualização e isso faz com que esses profissionais permaneçam se utilizando de práticas metodológicas que não contribuem de forma positiva na vida dos discentes. Segundo Silva e Campos:

todavia, a postura de muitos professores ainda é tradicional, baseada em aulas expositivas a partir dos livros didáticos – onde geralmente os conteúdos estão dissociados da realidade dos estudantes – e, também, a partir do ensino de conceitos prontos e fechados, o que não permite o aluno pensar acerca do tema e formar sua própria definição (SILVA e CAMPOS, 2021, p.7).

Os docentes precisam mudar a forma de como construir com os discentes os conteúdos programáticos, principalmente quando esses assuntos estão diretamente relacionados com o

cotidiano dos educandos. Esse ensino deve ter significado na vida dos discentes, de tal forma, que possam colocar em prática o que construíram na teoria. Cada indivíduo possui sua subjetividade e essa deve ser levada em consideração no processo, pois devemos partir sempre do entendimento e visão de mundo que cada um traz consigo.

A Geografia, enquanto ciência, que tem como objetivo analisar, estudar e compreender o espaço geográfico, deve sempre se atentar e fornecer uma formação que permita aos educandos a compreenderem a realidade que se encontra nos centros urbanos, ou seja, nas cidades. Analisar a unicidade da cidade como lugar onde se desenrolam as atividades e manifestações de seus habitantes, os sentimentos de identidade coletiva, as percepções subjetivas e experienciais e relacioná-la à educação e ao campo educativo, é uma maneira proveitosa para observar comportamentos e estilos de vida que se expressam na sociedade urbana e na escola.

Sobre “cidade”, afirma Callai:

A cidade, como lugar de concentração da população é o espaço, via de regra, onde as relações humanas acontecem de maneira mais acentuada, mais extensa, mais complexa. Pode-se dizer que tudo está mais aproximado. Sendo resultado do processo de urbanização, a cidade representa, antes de mais nada, os laços que ligam as várias pessoas que compartilham um mesmo território para morar, trabalhar, para satisfazer suas necessidades de sobrevivência (CALLAI, 2000, p. 127).

Nas palavras de Souza (2011, p. 24) “a cidade é um objeto muito complexo e, por isso mesmo, muito difícil de definir”. Mas ao mesmo tempo, se torna um tema muito importante a ser discutido e construído com os educandos, pois trata do espaço em que cada um se encontra.

Segundo Cavalcanti:

o ensino de cidade trabalha com as noções das vivências cotidianas e apresenta abordagens teóricas que levam em considerações os diferentes modos de vidas. Por isso, o trabalho do professor deve abordar o conteúdo de cidade a partir do espaço vivido do aluno, a fim de desenvolver habilidades imprescindíveis “ao exercício cotidiano de apropriação dos espaços, o acesso aos espaços públicos, que são práticas fundamentais para o usufruto pleno do direito à vida” (CAVALCANTI, 2017, p. 24).

Nesse contexto nota-se que há uma grande importância em construir com os educandos assuntos relacionados a cidade. E essa construção deve sempre partir do local para o global, pois não faria sentido para o discente, entender a realidade e a dinâmica de uma cidade em que ele nunca visitou, por exemplo. Então no primeiro momento ele deve compreender como acontece e se configura a dinâmica da cidade em que ele está inserido. Segundo Silva e Campos:

contudo, é necessário considerar também não só o olhar sobre o vivido, mas pelo espaço percebido e concebido, uma vez que é preciso aprender a Geografia a partir das diferentes escalas. A ideia é partir sempre da escala

local, no sentido de mostrar de forma concreta ao aluno o que ocorre em escala nacional, global (SILVA e CAMPOS, 2021, p. 11).

Espera-se que o sistema escolar juntamente com a ciência geográfica corresponda com qualidade através da formação do indivíduo e do cidadão. Na disciplina de Geografia, a partir dos estudos e discussões dos temas relacionados a Geografia Urbana e principalmente do tema cidade, deve-se instigar os alunos ao desenvolvimento da sua criticidade do real, levando-os a reflexão de sua participação no processo de produção e configuração desse espaço.

De acordo com Silva e Cunha:

nesse sentido, entende-se que esse ramo do conhecimento geográfico, no ambiente escolar, deve despertar o senso crítico dos alunos quanto ao espaço o qual estão inseridos, levando-os por meio de participação direta ou indireta aos questionamentos nas discussões sobre os aspectos físicos e sociais do espaço geográfico (SILVA e CUNHA, 2015, p. 5).

A Geografia enquanto disciplina escolar deve gerar a discussão, com o intuito de construir com os discentes do ensino básico, um olhar crítico e abrangente em relação aos conteúdos que estão relacionados a questões urbanas, pois são assuntos que estão intrinsecamente ligados ao cotidiano e a vivência de cada um. É de total interesse e responsabilidade das disciplinas que fazem parte das ciências humanas e principalmente da Geografia, pois é a ciência que busca estudar, analisar e compreender o espaço geográfico em sua complexidade e seus movimentos.

## **GEOGRAFIA TRADICIONAL X GEOGRAFIA CRÍTICA: BREVE DIALÓGO A PARTIR DO ENSINO**

A ciência geográfica ao longo da sua história e trajetória passou por diversos processos e mudanças, que podemos considerar importantes do ponto de vista do ensino. Segundo Cavalcanti (2010) no período em que ocorreram essas alterações, verifica-se que foi um tempo marcado pela disputa de hegemonia de duas partes principais, uma relacionada com a dita Geografia tradicional e outra que representava uma Geografia crítica, que por sua vez buscava superar a tradicional.

Nesse momento era preciso que se encontrasse um novo caminho para ciência geográfica, para que pudesse descentralizar os métodos tradicionais de ensino que estavam estruturados desde as primeiras décadas do século XX. Em relação à Geografia tradicional podemos destacar que ela era vinculada extremamente a conceitos definidos e prontos. Outro ponto que pode ser levado em consideração é a dicotomia entre a parte física e humana do espaço geográfico, afinal dava-se mais ênfase aos aspectos físicos, sem fazer a correlação sociedade-natureza.

Os materiais didáticos possuíam informações e dados meramente descritivos e a metodologia era apenas de “decorar” e isso fazia com que não houvesse interesse por parte dos estudantes. A visão que a perspectiva tradicional possuía era analisar o espaço geográfico pensando apenas nas características físicas, sem levar em consideração a ação antrópica, afinal a humanidade desempenha um grande papel de interferência no espaço geográfico.

Para confrontar a Geografia tradicional, surge a partir de 1960, a Geografia Crítica, que possuía suas ideias alicerçadas no pensamento marxista. A Geografia crítica vem romper com a neutralidade da geografia tradicional, fazendo com que possamos pensar no espaço geográfico onde o capitalismo, como sistema econômico, atua se apropriando da natureza; como nos afirma Guibson Junior (2021, p. 111) onde o capitalismo como modo de produção dominante em nossa sociedade, fez surgir uma série de contradições entre a reprodução da vida e a reprodução do espaço.

Todas as coisas precisaram um dia passar pelo processo de evolução, como forma de adaptação ao meio, mas também como forma de inovação. A ciência geográfica não foi diferente, pois, existente na sociedade, tendo um papel de formação, precisou se reinventar nas suas formas de analisar seu objeto de estudo, para que não se tornasse uma ciência ultrapassada, que não conseguiu acompanhar os avanços que ocorreram no decorrer dos anos para uma melhor explicação dos fenômenos que buscavam-se estudar.

De acordo com Santos:

cada vez que as condições gerais de realização da vida sobre a terra se modificam, ou a interpretação de fatos particulares concernentes à existência do homem e das coisas conhece evolução importante, todas as disciplinas científicas ficam obrigadas a realinhar-se para poder exprimir, em termos de presente e não mais de passado, aquela parcela da realidade total que lhes cabe explicar (SANTOS, 2004, p. 18).

A Geografia, segundo Santos, sempre esteve preocupada em manter uma discussão narcísea, ou seja, uma visão embelezada do seu objeto de estudo. Mas, a ciência geográfica deveria preocupar-se em discutir e analisar a Geografia enquanto objeto, de forma que consiga abordar as complexidades que envolvem o espaço geográfico. “Sempre, e ainda hoje, se discute muito mais sobre a geografia do que sobre o espaço, que é o objeto da ciência geográfica. Desse modo, o esforço de conceitualização era feito, sobretudo, de fora do objeto da ciência e não de dentro” (SANTOS, 2004, p. 18).

Quando a Geografia passa a buscar sua individualização enquanto ciência, os estudiosos queriam que ela fosse uma ciência de síntese, ou seja, capaz de interpretar os fenômenos que ocorrem no espaço, com a ajuda de uma multiplicidade de ramos científicos. O objeto de estudo

da Geografia, que é o espaço geográfico, é tão complexo que a Geografia, enquanto ciência, precisou e necessita, até hoje, se unir a diversos ramos do conhecimento para melhor analisar e conseguir explicar os fenômenos existentes no espaço.

Segundo Santos:

essas ciências chamadas a ajudar a Geografia a atingir os seus fins, eram mesmo chamadas de “muletas” da Geografia. Os menos pretensiosos diziam, sem querer fazer ironia, que se tratava de “ciências auxiliares”. Para eles isso era natural, porque o geógrafo é o “chefe da orquestra”, enquanto os outros cientistas eram só “músicos” (SANTOS, 2004, p. 125-126).

Diante de todas as mudanças ocorridas, podemos dizer que a Geografia agora é uma ciência interdisciplinar, que, para analisar o espaço geográfico, se faz necessário e indiscutível, fazer relação com outros campos da ciência, a fim de buscar uma solução ou até mesmo uma resposta mais complexa no ponto de vista científico. Dessa forma, os docentes precisam fazer esse ponto entre os diversos componentes dentro das instituições, para fazer com que a formação dos alunos seja realizada de forma crítica e responsável, construindo assim, o futuro do nosso planeta e da nossa sociedade.

### **LIVRO DIDÁTICO: um instrumento metodológico para o ensino de geografia urbana**

No âmbito da educação, um dos assuntos que tem tomado destaque e gerado reflexões e debates é sobre o livro didático e o seu uso em sala de aula. Profissionais de diversos campos de atuação, das licenciaturas aos bacharéis, têm discutido a respeito desse assunto. Teive (2015) explica que, em sala de aula, o livro didático tem ocupado lugar privilegiado desde o começo do século XIX, quando originaram-se os sistemas nacionais de educação.

Dentre tantos recursos didáticos que temos, o livro didático se destaca como sendo o mais utilizado nas salas de aula pelos profissionais da educação. Tendo em vista, muitas vezes, que no Brasil passamos por grandes problemas de investimentos na área da educação. Onde podemos encontrar, escolas com estruturas de baixa qualidade, sem terem o mínimo de conforto e suporte para que os alunos tenham o direito a uma educação de qualidade.

O livro didático, na maioria das vezes se apresenta como único recurso que os professores possuem para construir com os alunos os diversos conteúdo. Em muitas realidades o livro didático é utilizado como um manual ou a própria aula; é o recurso mais presente em sala de aula, quando não a própria aula, a voz principal no ensino” (SCHAFFER, 2001, p. 141).

O modelo educacional possui uma grande defasagem, quando colocam o livro didático como sendo o único objeto de estudo e fonte de pesquisa para alunos e professores. Diante disso,

cabe a nós da ciência geográfica, a reflexão se realmente evoluímos de um método tradicional, para um método crítico, que faça o aluno pensar e produzir suas próprias respostas e conceitos sobre os diversos temas que a Geografia aborda, principalmente sobre os conteúdos de Geografia Urbana.

Será que os livros didáticos trazem um conteúdo de Geografia Urbana que permita os discentes analisarem e refletirem sobre o espaço urbano em que estão inseridos? Porque se o livro é um dos materiais metodológicos mais utilizados no ensino básico, isso na realidade pública, esse deve passar por uma boa elaboração, de forma que possa contextualizar e fornecer aos alunos uma base de estudo, para que a partir dos conteúdos encontrados no livro, os alunos possam fomentar seus próprios entendimentos, a partir de uma análise crítica.

Assim nos afirma Azambuja:

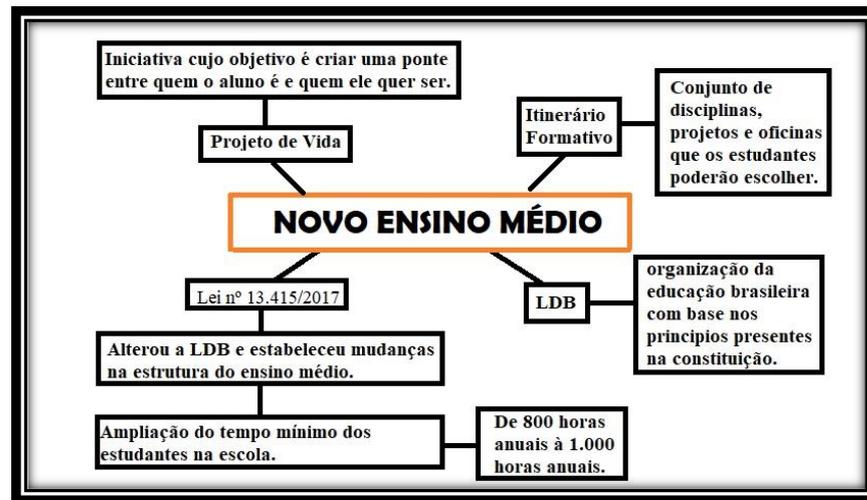
O livro didático é parte da cultura escolar e, quando utilizado como manual de estudo, inclui o conteúdo-forma das disciplinas escolares trabalhadas na Educação Básica. Essa condição faz do livro didático referência para periodizar a trajetória das práticas de ensino da Geografia do Brasil, identificando períodos por meio dos quais podem ser analisadas às mudanças e permanências do como e do que é estudado na escola básica (AZAMBUJA, 2014, p. 12).

O livro didático é um recurso metodológico muito importante no processo de ensino aprendizagem, o que deve ser revisto, é como os docentes se utilizam desse instrumento. Sabemos que alguns livros não são tão completos, no que diz respeito sobre a forma como os conteúdos são apresentados, mas de toda forma, os professores podem se basear, para construir os conteúdos com os discentes.

## **O NOVO ENSINO MÉDIO E O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA**

O Novo Ensino Médio é uma política de governo, instituída pela lei federal nº 13.415/2017. Essa política provocou a reforma do ensino médio, que foi apresentada em 22 de setembro de 2016, pelo governo Michel Temer. A ideia foi flexibilizar as disciplinas e estabelecer disciplinas obrigatórias e disciplinas opcionais. A medida também prevê um aumento na carga horária que passa de 800 horas anuais para 1.000 horas anuais. Abaixo, podemos analisar como se dá a Organização do Novo Ensino Médio (figura 1).

Figura 1. Organograma sobre a estrutura do Novo Ensino Médio



Fonte: Francisco José Silva Vasconcelos, 2023

A lei surge para tornar o ensino médio mais “atrativo” para os alunos, pois havia uma discussão que buscava entender os altos índices de jovens que estavam abandonando as escolas e o motivo das altas reprovações. A resposta para esses índices era flexibilizar o currículo, com o intuito de atrair esses jovens para as escolas, fazendo com que eles mesmo escolhessem o caminho que queriam percorrer até chegar ao mercado de trabalho. Assim nos afirma Barboza:

Segundo a lei 13.415 a baixa qualidade do Ensino Médio ofertada no país, acrescentando à necessidade de torná-lo mais atrativo aos alunos, devido aos altos índices de abandono e reprovação escolar, reforça a importância da reforma curricular, tendo por finalidade tornar o currículo flexível, atrativo e dinâmico, atendendo aos interesses dos alunos do Ensino Médio (BARBOZA, 2023, p. 2).

Toda essa estruturação parte de políticas estabelecidas em âmbito nacional, com seus órgãos competentes. Os profissionais atuantes da educação, que fazem do “chão da sala de aula” nesse país um laboratório de vida, deveriam ter contribuído, dando sugestões e relatando a realidade da educação básica. Diante disso, podemos destacar que o projeto de lei foi institucionalizado por pessoas que não experimentam da prática do dia a dia dentro das escolas.

Dessa forma, já percebemos um equívoco, que segundo Barboza (2023, p. 2) é a errônea atribuição do abandono e da reprovação dos alunos basicamente à organização curricular, não considerando os demais aspectos envolvidos. Um exemplo que podemos considerar são os prédios em que se encontram a maioria das escolas nesse país, possuindo uma péssima infraestrutura, sem fornecer aos alunos, o básico, que deve ser ofertado e com qualidade.

Outro questionamento a ser feito é: será mesmo que o abandono e a reprovação dos jovens nas escolas, tem ligação com questões curriculares? Isso porque os jovens não estavam

gostando da forma de se fazer educação. Realmente, os responsáveis por essa reforma, não levaram em consideração a situação em que muitos desses jovens de escolas públicas se encontram.

Uma boa parte desses alunos vive em áreas periféricas, onde, muitas vezes, nem sequer tem o que comer e quando vão à escola, estão indo para que, pelo menos possam fazer uma refeição no dia, já que a instituição oferta merenda escolar. Outro ponto a se observar é que muitos deles precisam auxiliar na renda familiar da casa, então precisam trabalhar muito cedo, para colocar o pão de cada dia na mesa.

Os alunos da rede pública de ensino irão juntamente com os alunos das escolas privadas do país, serem avaliados pelo Exame Nacional do Ensino Médio, sem distinção alguma. A realidade entre as escolas pública e privada de ensino possuem uma diferença considerável, pois a preparação para tal é muito diferente. E a reforma do novo ensino médio não atinge as duas instituições (pública e privada) da mesma forma.

As mudanças que foram pensadas para o currículo com o intuito de resolver os problemas que envolvem à educação, não levaram em considerações as diversas vertentes que englobam a problemática. Dessa forma, de nada vai valer os investimentos que serão destinados para essa mudança, pois pensaram em resolver o problema, sem analisar as raízes que fazem com que os jovens abandonem às escolas e aumentam o índice de reprovação.

A respeito disso, Barboza afirma:

Reformar sem pensar na estrutura, no alicerce, na base da construção é maquiagem sem propósito algum. Pensar nas diversas categorias e setores da sociedade que influenciam na vivência e atuação dos discentes na escola, é trabalhoso, mas profícuo aos olhos de quem tem a educação como prioridade (BARBOZA, 2023, p. 6).

A redução de carga horária, para atender os interesses do novo Ensino Médio, atingiram as disciplinas que compõem as ciências humanas de uma forma grandiosa. Os componentes que fazem com que os alunos possam construir um senso crítico, para atuarem na sociedade, foram reduzidos: será que isso pode ser um interesse de classes? De acordo com Barboza (2023, p. 4), “Disciplinas da área das ciências humanas – Artes, Educação Física, Filosofia, História, Sociologia, etc. – são vistas como “perda de tempo”, “ociosas” e “infrutíferas”.

No dia 08 de fevereiro de 2017, o projeto de lei foi aprovado pelo Senado Federal por 43 votos a 13 e foi sancionado pelo presidente da república no dia 16 de fevereiro do mesmo ano. Os conteúdos do NEM são de 60% de disciplinas obrigatórias e 40% para que os alunos escolham uma área de seu interesse de estudo, como: linguagens, matemática, ciências humanas, ciências da natureza e ensino profissional.

Um dos objetivos do Novo Ensino Médio é garantir a oferta de educação de qualidade e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes, considerando as novas mudanças, demandas e complexidades do mundo do trabalho, segundo a lei que rege o novo modelo. Sendo assim, o intuito é preparar os jovens para o mercado de trabalho, para serem mão de obra barata, visando, assim, o aumento do sistema capitalista.

Outro ponto que o NEM atinge de forma direta e bastante significativa é a classe dos professores, no que diz respeito a profissão em si. Porque os docentes tiveram formação nas áreas específicas, cada qual em sua licenciatura e esse novo modelo de ensino, exige do professor, que ele ensine algo no qual ele não teve formação suficiente para poder ministrar com confiança e responsabilidade.

Dessa forma, os docentes assumem eletivas e projetos de vida e devem ensinar sobre conteúdos que eles não foram preparados para ministrar. Diante dessas mudanças no currículo, a profissão do trabalho docente passa por um processo de desvalorização, quando assumem componentes, nos quais não possuem formação para atuarem com excelência.

Conforme nos afirmam Franca; Jezine; Araújo:

Mesmo que não esteja aparente, tal supressão pedagógica aparece justificada pela ideologia do notório saber que, ao mesmo tempo em que desmonta a necessidade das formações específicas aos diversos campos disciplinares, visa converter o professor num simples sujeito cumpridor de tarefas, ou seja, num motivador de habilidades e competências em conformidade ao pensamento hegemônico (FRANCA; JEZINE; ARAÚJO, 2023, p. 478).

A BNCC é um documento de caráter normativo, que tem por objetivo definir de forma organizada as habilidades e competências destinadas aos seguimentos (Ensino Fundamental/Médio). Diante desse cenário de mudanças e alterações que o novo ensino médio instaurou, a proposta da BNCC automaticamente também teve que se ajustar ao novo modelo, fazendo com que os conteúdos se tornassem possíveis de chamar a atenção dos alunos.

Diante disso, observa-se na BNCC para o ensino médio, na área de ciências humanas, a competência específica 2, que tem como objetivo analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços e a compreensão de processos sociais, políticos e culturais. Como já mencionado anteriormente, se faz necessária a discussão e construção dos conhecimentos que envolvem as questões urbanas, para que formemos cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

Nas habilidades, que se encontram na tabela abaixo, poderiam contextualizar de forma mais clara e direta a respeito de se trabalhar os temas como cidade, formação de centros urbanos, o processo de conurbação e como a sociedade se relaciona com esse espaço habitado, onde há

conflitos e disputas territoriais. São isso que vão fazer sentido para os alunos, pois é uma realidade, é o que ele vive todos os dias na prática (tabela 1).

Tabela 1. Habilidades da BNCC do Ensino Médio sobre a Geografia Urbana

| HABILIDADES   |
|---|
| (EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais e culturais.  |
| (EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas das sociedades contemporâneas (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.  |
| (EM13CHS203) Contrapor os diversos significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas como civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo e cidade/campo, entre outras  |
| (EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas. |
| (EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.   |
| (EM13CHS206) Compreender e aplicar os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, entre outros, relacionados com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes tempos.  |

Fonte: Elaborado pelo autor com base na BNCC (2018).

Diante da proposta da BNCC em relação aos conteúdos de Geografia Urbana para o ensino médio, podemos notar a presença de alguns verbos como compreender, analisar, comparar, contrapor, tudo isso para ser feito de forma complexa e com criticidade, para compreender as dinâmicas que envolvem os conceitos que definem os espaços urbanos e suas relações no território.

O questionamento e a reflexão que devemos fazer é: será que o NEM e o novo modelo de estruturação dos livros didáticos, para atenderem essa perspectiva da mudança no currículo, conseguem abranger todas as habilidades e competências que a BNCC propõe para ser aplicada e construído com os alunos? Visto que há uma redução nos conteúdos para as séries, como forma de atender outras necessidades que o modelo julga como necessário para uma educação de qualidade e inclusão dos alunos que faziam parte do índice de abandono escolar.

Diante desse cenário de mudanças, os livros didáticos, para atenderem esse novo modelo de ensino, também passaram por alterações, visto que, houve redução de carga horária, para poderem encaixar os itinerários formativos e projetos de vida. Nessa redução de carga horária,

os livros didáticos também passaram por reformulação na sua estrutura, de forma que agora são organizados por áreas de conhecimento e não separadamente por disciplinas, como tínhamos antes.

No livro de ciências humanas, estão reunidos conteúdos de Geografia, História, Filosofia e Sociologia. E, dentro do livro, não existe divisão, nem muito menos distinção dos conteúdos em relação à disciplina a ser trabalhada. Além de possuírem conteúdos bastantes resumidos e pouco contextualizados, visto que são livros pensados para alunos do ensino médio e que estão se preparando para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Para realização dessa pesquisa, foi analisado o livro de ciências humanas do novo ensino médio (BRAICK *et al*, 2020.) que se encontra nas imagens abaixo (capa e contra capa). No entanto, o foco principal nessa análise é identificar como os conteúdos de Geografia Urbana e os conceitos de cidade encontram-se presentes nesse material didático oferecido aos alunos da 2ª série do novo ensino médio (figura 2).

Figura 2. Capa do Livro Didático de Ciências Humanas do Novo Ensino Médio

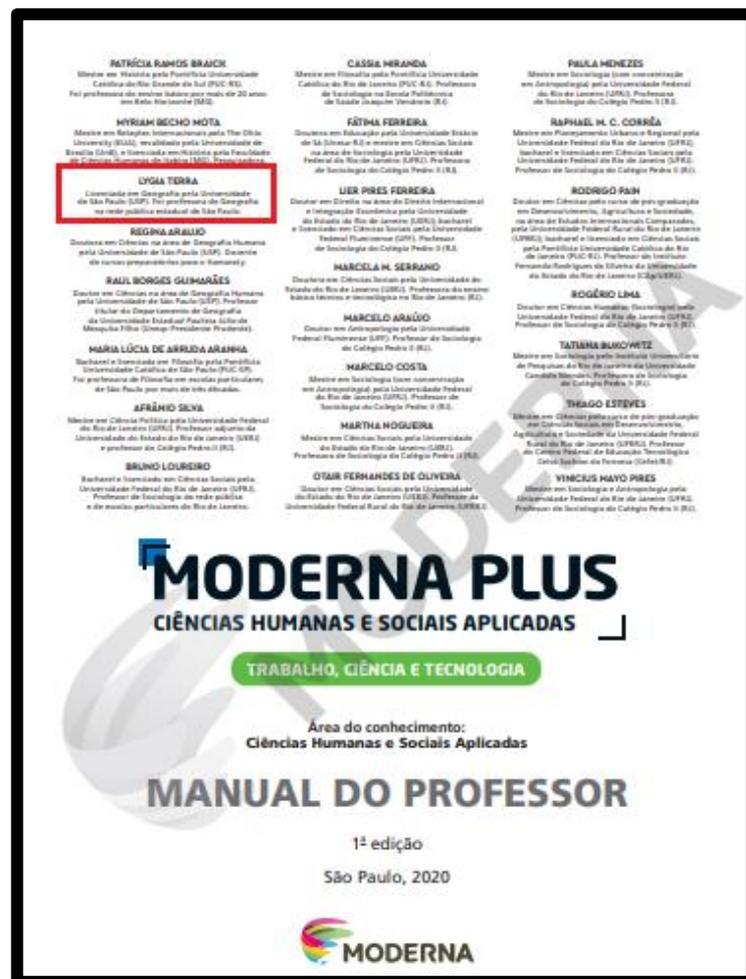


Fonte: Adaptado do livro didático (BRAICK *et al*, 2020).

Na imagem acima, podemos observar na capa do livro, destinado para alunos do ensino médio, que não há nenhuma imagem que possa chamar a atenção dos alunos para o material didático. Sabemos que, no ensino básico, onde trabalhamos na faixa etária entre onze à dezesete anos, se utilizar do lúdico é uma forma de atrair o olhar dos discentes. Então, nesse material, em que se concentram e reúne diversas disciplinas, porque não fazer uma capa onde o aluno, ao enxergar o livro, pudesse sentir desejo em abri-lo, desejando saber o que está escrito nele.

A lei do NEM nos diz que essa mudança no currículo surge como forma de atrair os alunos que outrora estavam abandonando as escolas e não queriam mais estudar. Então decidiram tornar a proposta de ensino mais atrativa. Então porque, ao criarem o material didático do aluno, não pensaram em fazer um material que pudesse ser também atrativo visualmente aos alunos? Trazendo uma capa ilustrativa, com imagens que pudessem despertar o interesse e a criatividade dos discentes. Abaixo, podemos observar a contra capa do livro analisado (figura 3).

Figura 3. Contra capa do Livro Didático de Ciências Humanas do Novo Ensino Médio



Fonte: Adaptado do livro didático (BRAICK *et al*, 2020).

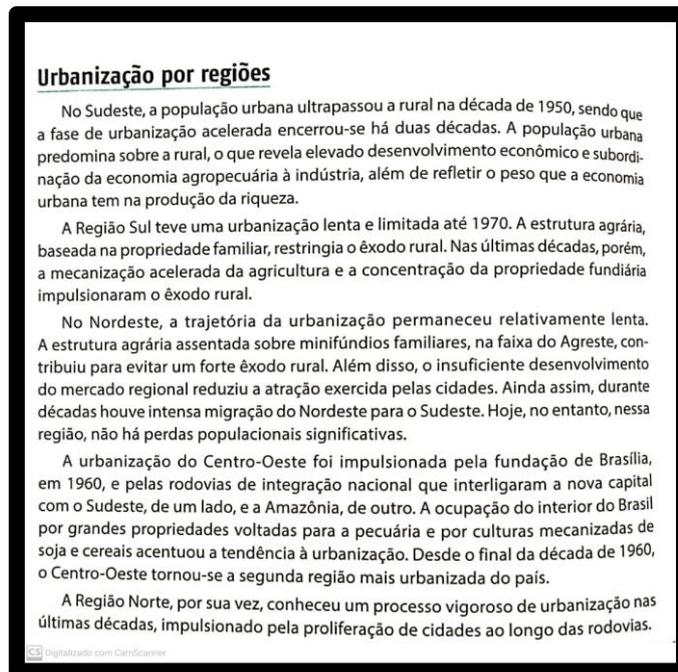
Na contracapa, fiz uma distinção entre os autores e organizadores do material, onde selecionei na cor vermelha, a autora Lygia Terra, formada em Geografia pela USP. Dentre tantos organizadores, somente três, possuem formação em Geografia e os demais tem formação em outras áreas de concentração. Será que numa coleção para Ensino Médio, reunir três autores seria o necessário para produzir um bom material, que pudesse fornecer aos alunos, uma base de estudo que o preparasse tanto para as aprovações como para a vida?

Como já mencionado, sobre a importância e relevância que os conteúdos de Geografia Urbana devem ser trabalhados em sala, na educação básica, iremos analisar como esses conteúdos se encontram no material didático analisado, visto que são direcionados para alunos da 2ª série do ensino médio. Sabendo que houve uma redução considerável, na carga horária, para se adequar e unificar disciplinas eletivas e projetos de vida e com isso o próprio conteúdo teve que ser reduzido também.

Os conteúdos de Geografia Urbana, para que haja um bom entendimento por parte dos alunos e para que os professores tenham suporte necessário para construir o conhecimento em sala, se faz necessário o uso de imagens e mapas, que mostrem porcentagens, índices, para que sirvam de base para a discussão. Pois a realidade das escolas públicas nos mostra que o material no qual o professor tem mais acesso é ao livro didático pois, em muitos casos, faltam os demais recursos.

Seguem abaixo as imagens que foram recortadas do livro, que trazem o tema da Urbanização Brasileira, no livro do NEM da 2ª série. Na imagem abaixo, percebemos um conteúdo amplo, que foi reduzido ao máximo, fazendo com que o livro se torne limitado (figura 4).

Figura 4. Início do conteúdo de Geografia Urbana presente no livro



Fonte: Adaptado do livro didático (BRAICK *et al*, 2020).

Esse é o início do capítulo do livro, que se encontra entre as páginas 143 a 151 e que tem como tema Urbanização Brasileira. Podemos perceber que no texto inicial que trata a urbanização por regiões, não encontramos, em nenhum momento, o contexto histórico bem detalhado em que se deu o processo de urbanização nessas regiões do país.

O entendimento como ocorreu o processo de urbanização, a importância que esse tem para a história e desenvolvimento de determinados locais e regiões, é de fundamental importância e conhecimento dos educandos. Porque para entender os problemas urbanos que existem atualmente, para entender as grandes concentrações, as desigualdades, os processos de conurbação, tudo isso deve-se ao contexto histórico de como tudo ocorreu, pois o que vemos hoje é resultado de um passado histórico.

Nas informações contidas nesse texto, é de fundamental importância trazer a compreensão do que foi o êxodo rural. Por que o texto já fala sobre o processo de urbanização nas regiões do Brasil e atropela como se deu essa urbanização? Como tudo começou? Não tem como se construir um entendimento, sem levar em consideração os processos históricos que ocorreram no decorrer do tempo.

A criação de Brasília, capital do país, onde encontra-se a sede do governo federal, teve toda uma logística e planejamento, por parte do governo da época, para se instalar naquele determinado local. Por que não mostrar aos alunos em que governo ocorreu a fundação de

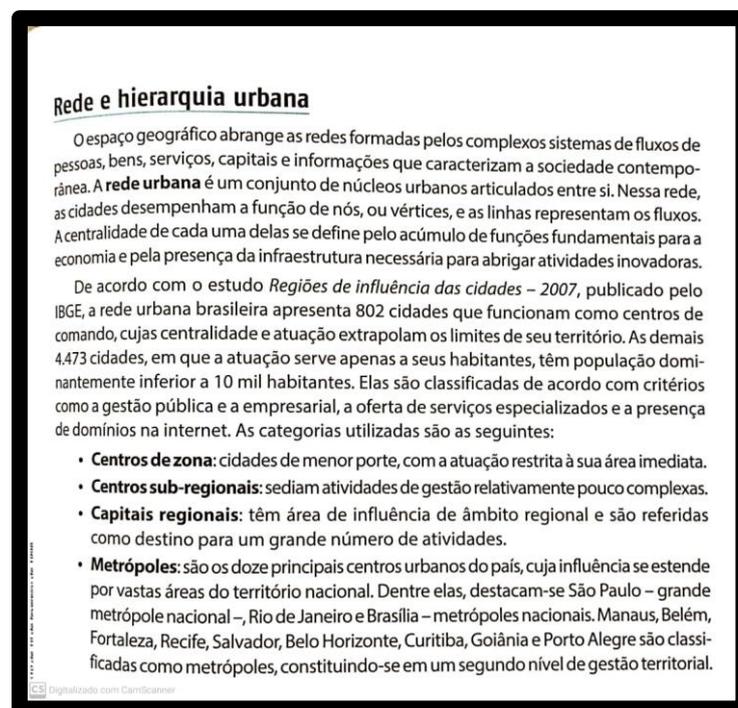


O mapa encontra-se sem texto de apoio, que pudesse explicar melhor o contexto apresentado. Sabemos que os alunos ainda não possuem maturidade para fazerem a leitura de um mapa apenas pela legenda, então se faz necessário a utilização de um texto que sirva de apoio, para que os educandos possam compreender o conteúdo apresentado.

Quando falamos de aglomerações urbanas, devemos analisar todo um contexto para se chegar às causas. Por que há uma maior concentração de pessoas em um determinado lugar? Por que essas pessoas não se encontram bem distribuídas dentro do espaço geográfico? As pessoas que vivem nesses aglomerados urbanos, vivem bem? com dignidade? Esses são alguns questionamentos que devemos levantar e que o livro didático tem deixado a desejar.

O mapa mostra as concentrações urbanas dentro do território. Por que não trazer uma reflexão para os alunos, o porquê de nós termos um país de grande extensão territorial, porém a população encontra-se mal distribuída, se concentrando, assim, apenas em algumas áreas? É isso que os alunos precisam refletir e pensar, para que eles mesmo consigam encontrar os motivos, as raízes do problema (figura 6).

Figura 6. Imagem do texto presente no livro sobre Rede e Hierarquia Urbana



Fonte: Adaptado do livro didático (BRAICK *et al*, 2020).

No conteúdo encontrado nesse livro, destinado à segunda série do ensino médio, encontram-se várias lacunas: textos curtos, com pouco dados e sem aprofundamento, mapas antigos, sem texto de apoio que explique melhor o que o mapa deve contribuir ao conhecimento.

Sabemos da importância do ensino de Geografia Urbana na vida dos educandos, para que eles possam ser cidadãos críticos na sociedade e no espaço em que estão inseridos. Dessa forma, fica evidente a importância dos estudos sobre esses conteúdos, para que os alunos compreendam como se dá o processo de formação desse espaço urbano, para assim compreender as dinâmicas e conflitos existentes no presente.

Diante dessa lei do novo ensino médio e dessa mudança no currículo, os livros didáticos, que em muitas realidades são os únicos recursos que os professores possuem, também foram modificados de forma absurda. Os conteúdos encontrados no livro de ciências humanas, são totalmente resumidos, fazendo com que o professor necessite de outras fontes para complementar o conteúdo (figura 6).

Figura 7. Imagem do texto presente no livro sobre os desafios das metrópoles e a expansão urbana



Fonte: Adaptado do livro didático (BRAICK *et al*, 2020).

Será mesmo que esse pequeno texto apresentado acima consegue ser explicativo no ponto de vista da expansão urbana? Os textos devem ser indicadores de uma problemática e também devem fazer os alunos raciocinarem e construir seu próprio pensamento sobre o conteúdo estudado.

Mesmo com a carga horária reduzida, principalmente das áreas de ciências humanas, fica evidente que a missão do professor se torna maior, pois com menos tempo de construir os conteúdos, ainda possui um material didático limitado, do ponto de vista da organização do livro didático do NEM.

A expansão urbana deve ser estudada com mais profundidade e criticidade, pois é por meio desse fenômeno que hoje temos aglomerados urbanos, sem nenhuma qualidade de vida: temos a exemplo disso nas grandes periferias. Isso é a realidade dos alunos, pois em todos os lugares encontramos pessoas que foram obrigadas a ocuparem lugares que não fornecem nenhum tipo de dignidade e qualidade para viver.

É isso que os alunos devem compreender, que o espaço geográfico, a cidade, é um lugar de confrontos, disputa por territórios, lutas de classe, entre outros conflitos. O urbano, muitas vezes, também é excludente, pois o que rege a sociedade é o seu sistema econômico, ou seja, o capitalismo. Então, sempre teremos uma classe se sobressaindo sobre outra.

## **A GEOGRAFIA URBANA NO LIVRO DIDÁTICO**

Os conteúdos de Geografia Urbana, são de fundamental importância para a formação dos discentes, visto que, os mesmos estão inseridos dentro dos espaços urbanos, na maioria dos casos. A escola possui um papel importante nessa formação crítica dos alunos porque antes de preparar o aluno para cursar um nível superior ou prepará-lo para o mercado de trabalho, a escola prepara-o para ser um cidadão crítico na sociedade, consciente de seus direitos e deveres.

A Geografia sendo uma ciência que tem como objeto de estudo o espaço geográfico, isso compreende uma grande variedade, no que diz respeito ao campo de análise e estudo. O potencial da Geografia, atualmente, diante do NEM, não se concretiza com êxito na formação dos discentes.

A ideia do NEM é preparar os alunos para o mercado de trabalho, para ser mão de obra barata. Isso é uma estratégia do sistema em junção com empresas parceiras. Diante dessa estratégia e mudança no currículo, fica evidente que a formação dos alunos em relação às disciplinas e componentes que os formariam para o exame do ensino médio e para a vida não são prioridades.

O livro didático é considerado um instrumento metodológico para o ensino, como discutimos no decorrer desse trabalho, porém, deve ser utilizado não de forma a engessar o professor, nem muito menos os alunos. Os docentes devem utilizar o livro como apoio, base e não como o único e indiscutível recurso e fonte de informações.

Como nos afirma Oliveira:

O livro didático, neste caso, especificamente o de Geografia, deve ser utilizado de forma cuidadosa para que não adote uma postura unicamente teórica, e o professor termine adotando o método em sala de aula, de uma Geografia tradicional e limitada, privando os alunos de terem uma percepção ampla do

mundo que o cercam e de formarem uma opinião própria a respeito de fatos e acontecimentos que estão ao seu redor (OLIVEIRA, 2014, p. 8).

Nesse NEM, diante das mudanças no currículo e nas estruturas que compõe o livro didático, notamos muitas lacunas em relação aos conteúdos de Geografia Urbana na série do 2º ano do ensino médio. Pouca contextualização, poucas imagens, mapas e dados antigos e ultrapassados. Informações rasas, que não fazem os alunos refletir sobre a realidade, nem construir seu próprio pensamento e criticidade.

É necessário que se haja uma revisão nesses materiais didáticos, de forma que os conteúdos abordados no livro, sirvam de apoio para a formação dos alunos e os façam raciocinar sobre determinado assunto e formularem sua própria concepção. Os discentes precisam ter autonomia para opinarem e construir seus pensamentos críticos. Pois esse é o papel da escola, formar cidadãos para viverem em sociedade, compreendendo seu lugar e lutando por seus direitos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A lei do NEM, nº 13.415/2017, faz algumas alterações no currículo e na estrutura do ensino médio no país. Sabemos da realidade das instituições públicas, na maioria dos casos, onde não há uma boa estrutura e equipamentos, para que os alunos estudem de forma integral e com qualidade. Essa é uma, das diversas barreiras que se encontram expostas diante desse novo modelo de ensino.

Para a realização dessas alterações no currículo, nenhum dos professores gestores e educadores foram consultados a respeito. Para atender as necessidades do plano de governo e, conseqüentemente ao capitalismo, o NEM surge e surpreende os docentes, pois também não houve formação suficiente para que pudessem começar a ser trabalhada essa nova estrutura dentro das escolas, principalmente as públicas, pois são as mais afetadas no processo.

O livro didático, sendo o instrumento metodológico mais utilizado pelos docentes, também foi afetado, de forma que os conteúdos se encontram bastante resumidos, causando assim, um déficit no processo de ensino aprendizagem dos educandos. Se o livro didático é o instrumento de ensino mais acessível para a realidade pública, esse recurso deve ser planejado e produzido com excelência, para que os professores e alunos possam utilizá-lo como base para as discussões e construção do senso crítico dos educandos.

A organização dos livros didáticos nesse NEM se encontram reunidos por áreas de ensino, a exemplo do livro de Geografia, ele não é apenas o livro dessa disciplina, mas sim, um conjunto, agregando todas as disciplinas de humanas, como filosofia, sociologia e história. O

exemplar no qual foi analisado nesse trabalho, já segue as alterações que a lei sugere. E isso é preocupante, pois há uma redução muito significativa na abordagem dos conteúdos, principalmente os das áreas de humanas, pois são os responsáveis de formarem a criticidade dos alunos.

Encontramos nessa análise, diversas lacunas que possuem no livro. A respeito dos conteúdos de Geografia Urbana, como já mencionados anteriormente, são conteúdos que possuem uma certa relevância, pois são responsáveis por mostrar e ensinar aos alunos como se deu o processo de urbanização e como as cidades e os grandes centros se constituíram até chegar ao que podemos ver hoje. Esses assuntos são importantes, pois os alunos estão inseridos dentro dos espaços urbanos, na maioria dos casos, então eles necessitam se posicionar e compreender seus direitos e deveres como cidadãos e serem atuantes na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. O Livro Didático e o Ensino de Geografia do Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, v. 4, n. 8, p. 11-33, jul./dez., 2014.
- BARBOZA, Railson da Silva. Reforma ou “Deforma” do ensino médio? Acervo online/ Brasil. 2023. p. 1-6.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. Brasília, 1998.
- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H.C.; KAERCHER, N.A. **Ensino de Geografia** práticas e textualizações no cotidiano. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-134.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. Belo Horizonte: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais**. Novembro, 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Paripus, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Aprender sobre a cidade: a Geografia urbana Brasileira e a formação de jovens escolares. v.2. Costa Rica: **Revista Geográfica de América Central**, 2011.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. n.35, volume especial. Presidente Prudente: **Caderno Prudentino de Geografia**. 2013.
- DEMARCHI, João Lorandi. Adequando o ensino híbrido ao mercado. **Le Monde: diplomatique Brasil**. 1 de junho de 2021.
- FRANCA, D.; JEZINE, E...; SANTANA DE ARAÚJO, R. Ideologia Neoliberal, Trabalho Docente e Educação: uma reflexão sobre a lógica hegemônica na educação básica paraibana. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l], v.15, n.1, p.471-485, 2023.

- JUNIOR, Guibson da Silva Lima. A relevância do lugar e da paisagem para o ensino de Geografia: uma perspectiva sobre o urbano e a cidade. IN: BARROS, Josias Silvano de. ARAGÃO, Wellington Alves. **Nos caminhos da educação geográfica**. 2021.
- LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**. Ano 16, n.69. Brasília, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- OLIVEIRA, João Paulo Texeira de. A eficiência e/ou ineficiência do livro didático no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, 2014.
- OLIVEIRA, Marlene Macário. O estudo do meio sobre a cidade e o urbano na Geografia: (re)pensar a prática de ensino na escola é necessário? **GEOUSP Espaço e tempo**, São Paulo, v.18, n.3, p.609-623, 2014.
- SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- SCHAFFER, Neiva Otero. O livro didático e o desempenho pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro texto. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. [et.al.]. **Geografia em sala de aula: prática e reflexões**. 3. Ed. Editora da Universidade / UFRGS / Associação dos geógrafos brasileiros. Seção Porto Alegre. 2001.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Livro didático: do ritual da passagem à ultrapassagem. **Em aberto**. Brasília. V.16, n.69, P. 11-15. março. 1996.
- SILVA, Laressa Bentes da. CAMPOS, Laís Rodrigues. O ensino de Geografia na formação cidadã e a luta pelo direito à cidade. v.11, n.21. Campinas: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, jan /dez.,2021.
- SILVA, Rafael França da. CUNHA, Maria Soares da. Abordagens do espaço urbano na Geografia escolar do ensino médio: Estudo de caso em Juazeiro do Norte-CE. **VIII Encontro Nacional de Ensino de Geografia**, outubro, 2015.
- SOUZA, M.L. **ABC do desenvolvimento urbano**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. Caminhos teórico-metodológicos para a investigação de livros escolares: contribuição do Centro de Investigación MANES. **Revista Brasileira de Educação**. V. 20 n. 63 out-dez. 2015, p. 827-843.